



**DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA,  
REVISÃO E REDAÇÃO**

**SESSÃO: 011.4.55.N**

**DATA: 03/07/18**

**TURNO: Matutino**

**TIPO DA SESSÃO: Solene - CN**

**LOCAL: Plenário Principal - SF**

**INÍCIO: 11h37min**

**TÉRMINO: 12h48min**

DISCURSOS RETIRADOS PELO ORADOR PARA REVISÃO

Hora	Fase	Orador

**Obs.:**



**O SR. PRESIDENTE** (João Alberto Souza. Bloco/MDB-MA) - Declaro aberta a sessão solene do Congresso Nacional destinada a homenagear o centenário de nascimento de Athos Bulcão.

Convido para compor a Mesa o Sr. Paulo Brum Ferreira, Presidente da Fundação Athos Bulcão (*palmas*); o Sr. Gustavo Pacheco, representante da Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal (*palmas*); o Sr. Sérgio Roberto Parada, representante do Presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento do Distrito Federal (*palmas*); a Sra. Luciana Saboia, Vice-Diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (*palmas*); a Sra. Maria Antonieta Bulcão Ferrari, sobrinha do homenageado (*palmas*); e a Sra. Maria Inês Di Rienzo Bulcão, sobrinha do homenageado. (*Palmas.*)

Convido todos para, em posição de respeito, ouvir o Hino Nacional, que será cantado pelo Coral do Senado Federal, sob a regência da Maestrina Glicínia Mendes.

*(Procede-se à execução do Hino Nacional.)*

**O SR. PRESIDENTE** (João Alberto Souza. Bloco/MDB-MA) - Agora, ouviremos trechos das músicas *Coisa Mais Linda*, de Carlos Lyra e Vinicius de Moraes; *Paz do Meu Amor*, de Luiz Vieira; e *Se Todos Fossem Iguais a Você*, de Tom Jobim, entoadas pelo Coral do Senado Federal.

*(Procede-se à execução musical.)*

**O SR. PRESIDENTE** (João Alberto Souza. Bloco/MDB-MA) - Alguns artistas têm o privilégio de ver suas obras integradas a uma cidade. Desses, poucos podem dizer que seu trabalho faz parte da identidade de uma metrópole. Mais raros ainda são aqueles cuja ausência de sua arte desfiguraria a paisagem urbana. Athos Bulcão pertence a essa última categoria, e Brasília é o cenário que não pode prescindir da genialidade desse artista.

Se estivesse vivo ainda, o mestre carioca teria completado ontem seu 100º aniversário. Uma ocasião assim não pode cair no esquecimento. Por isso, fazemos hoje esta mais que merecida homenagem.

O vínculo de Athos Bulcão com a arte vem desde os seus 4 anos de idade. Aos vinte e poucos anos, viveu o dilema de seguir a carreira médica ou a artística. Entre curar ou criar, atendeu ao chamado da criação, para a felicidade de uma capital ainda por existir.

Mais conhecido por seus azulejos, transitou da pintura à escultura, passando pela cenografia, a elaboração de figurinos e a fotomontagem. Em sua juventude, foi auxiliar de Portinari na criação do mural da Igreja de São Francisco de Assis, na Pampulha, em Belo Horizonte. O talento do jovem artista chamou a atenção de Oscar Niemeyer. O arquiteto, então, o inseriu no grupo de pioneiros que iriam erguer Brasília no fim dos anos 50.

Senhoras e senhores, Brasília seria menos monumental sem as obras de nosso homenageado. A Igrejinha de Nossa Senhora de Fátima perderia viço sem as pombas e estrelas de seus azulejos; a visão do Teatro Nacional não teria o mesmo impacto na ausência dos blocos brancos distribuídos em suas laterais; e o Cine Brasília ostentaria uma imensa lacuna na sala de projeção sem seu painel em tons de vermelho e amarelo.



Athos Bulcão vive em suas obras. Por isso, posso dizer sem exagero que sua presença paira sobre nós neste exato instante. Peço a todos que olhem para cima. As placas metálicas que pendem do teto, dando um sublime efeito luminoso à cobertura deste plenário, levam a assinatura desse mosqueteiro das artes.

Esse e mais de 30 outros trabalhos se espalham pelas ruas e edifícios da Capital, sendo tão característicos desta cidade quanto o Plano Piloto de Lúcio Costa ou a arquitetura de Niemeyer.

Em 1963, a convite de Darcy Ribeiro, Athos Bulcão começou a ministrar aulas na Universidade de Brasília. Por defender a democracia e as liberdades civis, foi desligado da instituição pelo governo militar em 1965.

Destituído da docência, realizou projetos no Brasil e no exterior. Argélia, França e Índia são alguns dos países que abrigam suas obras.

Na década de 80, participou ativamente da luta pela volta da democracia ao Brasil. Com o retorno à normalidade institucional, foi reintegrado à UnB, onde partilhou sua inestimável experiência com os estudantes por mais 2 anos.

Há 10 anos, ele partia, deixando um vácuo impossível de preencher no universo artístico brasileiro.

Senhoras e senhores, celebrar esse excepcional artista, cidadão e ser humano é reavivar uma parte importante da história brasileira, é recordar uma época de sonhos grandiosos e belos. E, o mais importante, é lembrar nossa capacidade de concretizá-los.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

Pela Liderança do PPS no Senado Federal, concedo a palavra ao Senador Cristovam Buarque, ex-Governador do Distrito Federal.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (Bloco/PPS-DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, senhores convidados, raras pessoas conseguem ser lembradas no centenário de seu nascimento por alguns poucos descendentes — raras pessoas! A maioria, quando completaria 100 anos, é apenas uma lembrança quase que esquecida. Quase nenhum é lembrado aos 100 anos em uma homenagem como esta que fazemos aqui hoje ao grande Athos Bulcão. É muito raro.

Nós temos certeza de que, no caso de Athos, daqui a 100 anos e daqui a 200 anos, a 300 anos, teremos sessões de homenagem a ele, por cinco razões — e poderiam ser mais —, mas nenhuma delas teria sentido se não fosse o seu talento e também o momento histórico em que ele viveu.

Talento e momento histórico permitem que ele seja lembrado — essa é a primeira razão — porque é dos raríssimos artistas no mundo que conseguiram ter uma vinculação com a cidade que criaram junto com outros. Poucos artistas são vinculados à cidade de maneira íntima. Alguns de Florença, alguns de Roma, mas eles não criaram a cidade. No caso de Athos, além da sua vinculação à cidade, ele foi um dos criadores, dos inventores, dos fundadores da cidade. Isso faz com que ele esteja sendo homenageado aqui.

Graças ao seu talento e ao momento histórico, coincidiu que sua cidade fosse seu museu, como é também o museu de Burle Marx. É muito raro um artista ser o criador da cidade, ser identificado com ela e tê-la como seu museu ao ar livre ou dentro dos espaços, como lembrou o Presidente ao falar do teto do local onde estamos, ou quando vamos à Catedral.



Segunda razão: ele é o criador de uma nova estética. Ele não foi apenas mais um pintor. Ele conseguiu romper, formular uma estética própria, como vemos nos seus azulejos. Ele deu um salto, e isso é raro para os artistas. A maioria deles dá pequenas contribuições. Raros rompem com a estética, como ele conseguiu fazer.

A terceira razão da sua permanência é a parceria que ele teve com figuras como Portinari e Niemeyer. Com Portinari, ele começou a trabalhar aos 21 anos em Belo Horizonte, na Pampulha. Essa parceria com Portinari, com Niemeyer, contribuiu para dar-lhe a grandeza que nos leva, 100 anos depois de seu nascimento, 10 depois da sua morte, a estar aqui nos lembrando dele.

A quarta razão da sua permanência é a parceria com o tempo. Ele foi um parceiro do tempo. O tempo da Nova Capital, o tempo do desbravamento do Brasil em direção ao oeste, que fez com que ele, tão jovem, viesse para cá e aqui ficasse até o final de seus dias. A parceria com a estética do seu tempo, não só nas artes plásticas, como também na música, com Villa-Lobos, com a Bossa Nova, com a nova arquitetura em geral, na pintura de Portinari, na literatura de Guimarães Rosa, na poesia de Drummond, de Manuel Bandeira. Ele foi produto e parceiro do seu tempo na criação estética do mundo e foi também obviamente parceiro do momento histórico que o Brasil vivia de desenvolvimento industrial e de desbravamento para o oeste. A figura dele, além de outros artistas, está vinculada também ao nome de Juscelino Kubitschek.

Eu diria que ele conseguiu fazer com que esse grupo todo e com que o Brasil daqueles anos 50 e anos 60 fossem algo parecido com Viena na passagem do século XIX para o século XX. E coincidiu de um conjunto de pessoas de tão diferentes profissões, especialidades e vocações se juntarem, estarem juntas e ali fazerem uma nova maneira de ser um povo, um país. A verdadeira forma nova de ser um povo é quando rompemos com a cultura e criamos outro jeito de ser.

Finalmente, a quinta razão: ele está aqui sendo homenageado pela geração à qual pertenceu, não apenas a parceria do seu tempo do ponto de vista histórico, mas também da coincidência existencial dele com figuras como Pancetti, Enrico Bianco, Glauber Rocha, Vinicius de Moraes, Villa-Lobos, Tom Jobim e tantos outros que fizeram daquela uma das melhores gerações de brasileiros que tivemos no mundo da cultura, sem dúvida alguma, uma das mais ricas de todas as gerações que tivemos.

Por isso, estamos aqui, 100 anos depois do nascimento de Athos Bulcão, prestando-lhe uma homenagem que é tão rara de se fazer para qualquer ser. Athos mereceu este momento e vai merecer outra vez um momento como este, daqui a 100 anos, a 200 anos e outros tempos no futuro, porque ele foi grande, o grande Athos Bulcão, que alguns — eu inclusive — tiveram o privilégio de conhecer e de conversar com ele. As futuras gerações terão o privilégio de ver a obra que ele criou.

É um privilégio estar aqui prestando essa homenagem especial a um dos maiores brasileiros que nós já tivemos na nossa história.

Sr. Presidente, Athos está aqui comemorando 100 anos e continua vivo na sua obra, na sua trajetória, no seu exemplo de tudo aquilo que fez e nos deixou.

Muito obrigado, Athos Bulcão. *(Palmas.)*

**O SR. PRESIDENTE** (João Alberto Souza. Bloco/MDB-MA) - Muito obrigado, Senador Cristovam Buarque.



Pela Liderança do PROS no Senado Federal, concedo a palavra ao Senador Hélio José, do PROS do Distrito Federal.

**O SR. HÉLIO JOSÉ** (Bloco/PROS-DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) - Eu gostaria de cumprimentar V.Exa., Sr. Presidente, nobre Senador João Alberto Souza, do nosso querido Estado do Maranhão, Vice-Presidente desta Casa, representando aqui o nosso Presidente, Senador Eunício Oliveira, que, com certeza, se tivesse condições, estaria aqui fazendo esta justa homenagem a esse grande artista de Brasília e do Brasil. Quero cumprimentar efusivamente V.Exa. pelo brilhante trabalho que faz nesta Casa. O Maranhão, com certeza, há de se orgulhar sempre de ter João Alberto nesta Casa como um nome de pessoa sensata e de pessoa que realmente faz a diferença.

Quero cumprimentar o Presidente da Fundação Athos Bulcão, Sr. Paulo Brum Ferreira. Muito bem-vindo a esta Casa. Nós temos uma admiração muito grande pelo trabalho que a Fundação faz. Eu sou membro da Comissão de Relações Exteriores, e, quando faço uma visita a um país, a lembrança que eu levo são as porcelanas de Athos Bulcão, que, de fato, retratam e representam a nossa cidade, Brasília. Eu sou Senador de Brasília. Elas levam Brasília para o mundo, não é, Valéria? Meu abraço a você, meu abraço ao nobre Paulo Brum.

Quero cumprimentar também o Sr. Gustavo Pacheco, representante do Secretário de Estado de Cultura do Distrito Federal. Eu sou servidor público concursado, do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. O Governo passa, e o Estado fica. Então, quero cumprimentá-lo pela preservação dessa obra fenomenal de Athos Bulcão. Seja qual for o Governo que estiver em Brasília, é compromisso nosso preservá-la. Então, quero cumprimentar o Distrito Federal pela importância de preservá-la.

Nobre Sérgio Roberto Parada, representante do Presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil do Departamento do Distrito Federal, meus cumprimentos. Brasília é patrimônio histórico mundial. Isso se deve muito a esses vários artistas que o Senador Cristovam Buarque aqui acabou de citar, entre eles, Athos Bulcão, Burle Marx, Lúcio Costa, o nosso célebre Oscar Niemeyer e vários outros, JK, etc. Mas é muito importante o Instituto dos Arquitetos do Brasil nessa questão, por dar esse brilho maravilhoso a uma obra de Athos Bulcão.

Quero cumprimentar a Sra. Luciana Saboia, Vice-Diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília — UnB, universidade na qual tive a honra de me formar em Engenharia Elétrica, no ano de 1982. Na UnB de tantas lutas e de tantas batalhas, também estão retratadas obras de Athos Bulcão, assim como na Câmara dos Deputados. Brasília inteira é um museu a céu aberto de Athos Bulcão. Então, meus cumprimentos à UnB, nossa Universidade de Brasília.

Quero cumprimentar as sobrinhas do homenageado, a Sra. Maria Antonieta Bulcão Ferrari e a Sra. Maria Inês Di Rienzo Bulcão. Vocês têm um nome a zelar, um nome que é patrimônio e orgulho nosso, pessoas que sabem da importância de Athos Bulcão, como tão bem relatada aqui pelo nosso nobre professor e mestre, ex-reitor da UnB, meu professor, Cristovam Buarque, também engenheiro, igual a mim, e economista.

Nós gostaríamos de falar sobre a homenagem que o *Jornal do Senado* fez hoje:

Athos Bulcão, o artista de Brasília.



Homem que transformou a capital do país num museu de arte a céu aberto completaria 100 anos de idade hoje. Suas criações, incluindo os célebres azulejos modernistas, exalam mais frescor do que nunca e continuam conquistando admiradores.

Eu digo isso porque levei, por exemplo, como presente de casamento da minha filha que acabou de casar-se na Itália — ela está morando na Itália — Athos Bulcão. Lembro-me do sogro e das famílias, e do tanto que ficaram felizes de receber Athos Bulcão. Então, o mundo se encanta com Athos Bulcão, e daí a importância de estarmos aqui para falarmos essas palavras.

Mais emocionado por ter ouvido bossa nova, por ter ouvido Carlos Lyra, por ter ouvido Vinícius de Moraes — aliás, parabéns a esse coral maravilhoso que nós temos aqui pela interpretação brilhante —, e exatamente Athos Bulcão conviveu com essa turma do bem.

Brasília está chegando na melhor idade ao completar seus 58 anos. Ainda quando projeto, era anunciada como a maior realização da arquitetura moderna do século XX.

O percurso histórico da cidade, de projeto revolucionário à concretização da experiência, passadas quase 6 décadas da inauguração, consolidou-a como uma das grandes realizações do imaginário artístico do nosso século.

A glória maior do reconhecimento mundial de Brasília associou-se naturalmente ao arquiteto Oscar Niemeyer e ao urbanista Lúcio Costa. Mas o próprio Niemeyer, percebendo que a criação urbanística e arquitetônica não seria completa sem uma manifestação artística à altura, solicitou a Juscelino Kubitschek a elaboração de um programa artístico para a nova Capital.

Muitos nomes artísticos contribuíram para a nova Capital, luzindo-a e abrilhantando-a com as suas criações, mas, dentre todos eles, um se destacou: Athos Bulcão, cujo centenário de nascimento estamos a comemorar nesta sessão solene.

Nenhuma outra arte amoldou-se tão bem à arquitetura de Niemeyer como as criações de Athos Bulcão, de maneira que não temos como dissociar a experiência dos dois, tão intimamente relacionadas.

Como pensar no Congresso Nacional sem a *Ventania*, o painel de azulejos que atravessa toda a parte do Congresso Nacional voltada para a Esplanada dos Três Poderes?

Sabe-se que a decisão de interromper a visão do Palácio do Congresso Nacional para a Esplanada, no espaço defronte aos plenários, em princípios da década de 70, constituía a alteração no projeto original que mais incomodava Niemeyer, pois interrompia a comunicação visual com a Praça. Mas a impressão negativa do arquiteto logo se desvaneceu suplantada pelo gênio de Athos, com a criação do maravilhoso painel de azulejos. E o mesmo gênio de Athos transformou os plenários da Câmara e do Senado, participando diretamente na elaboração de todo o projeto, como na Câmara, ou na criação maravilhosa do teto do plenário do Senado.

E assim aconteceu nas maiores realizações da arte de nossa Capital.

Como pensar, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, senhoras e senhores aqui presentes, a joia graciosa da Igreja da 308 Sul — e encontra-se



aqui o nosso frade da Igrejinha — sem os azulejos de Athos Bulcão? Não haveria como pensar...

Curiosamente, na nossa memória afetiva, quando vemos isoladamente os azulejos azuis e brancos da Igrejinha, imediatamente o edifício nos vem à memória, de forma que a invocação de uma forma artística suscita a memória de outra, e vice-versa.

E assim Athos introduziu em vários órgãos públicos, escolas, hospitais, nos blocos e residências particulares do Plano Piloto a sua arte da azulejaria, associando-a à memória visual da Capital, patrimônio histórico mundial tombado pela UNESCO.

Este parece ser o grande diferencial da arte de Athos, a sua grande contribuição para a arte brasileira e mundial. Ela se incorporou ao imaginário nacional e local, da mesma forma que a arquitetura de Niemeyer e o urbanismo de Lúcio Costa, visceralmente conectadas, como também as paisagens de Burle Marx.

Outros artistas que contribuíram com criações artísticas para a nossa Capital não usufruíam dessa condição, pois suas obras de arte eram isoladas. Athos associou sua criação ao gênio de Niemeyer, provocando a sensação do maravilhoso que só as grandes criações artísticas são capazes de suscitar.

Nas palavras do artista, abro aspas: *“A criação é mesmo misteriosa. A gente não sabe por que faz uma coisa assim”*. Associamo-nos a todos nesta homenagem aos mistérios do grande artista Athos Bulcão.

Senhores e senhoras, que as lembranças e a história que fazem a cultura de um povo sejam sempre preservadas, mantidas e defendidas pelas pessoas de bem deste País.

Um forte abraço! Era isso o que tinha a dizer.

Muito obrigado, Sr. Presidente!

Muito obrigado a esta Mesa.

Muito obrigado, Athos Bulcão, por ter existido e abrilhantado nossa Brasília.  
(Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (João Alberto Souza. Bloco/MDB-MA) - Eu que agradeço a V.Exa., Senador Hélio José.

Quero agradecer a presença da Encarregada de Negócios da Embaixada da República de Barbados, Sra. Resa Andrea Layne; da Encarregada de Negócios da Embaixada da República de El Salvador, Sra. Marcela Renderos; da Diretora-Geral do Senado Federal, Sra. Ilana Trombka; da Diretora da Secretaria de Comunicação Social do Senado Federal, Sra. Angela Brandão; do Pároco da Igrejinha Nossa Senhora de Fátima, Reverendo Frei Messias Chaves Braga; da Secretária Executiva da Fundação Athos Bulcão, Sra. Valéria Cabral; do Prefeito Municipal de Porteirão, Goiás, Sr. José de Sousa Cunha; do representante do Governo do Rio Grande do Sul em Brasília, Sr. José Otaviano Fonseca; de representantes do Corpo Diplomático, conselheiros e demais funcionários da Fundação Athos Bulcão.  
(Palmas.)

Concedo agora a palavra, pela Liderança do PT na Câmara dos Deputados, à Deputada Erika Kokay, do Distrito Federal. (Palmas.)

**A SRª ERIKA KOKAY** (PT-DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) - Eu me sinto extremamente feliz por estar compartilhando este momento e



quero imensamente agradecer a iniciativa de podermos fazer esta celebração, esta comemoração pelos 100 anos de Athos Bulcão.

Eu começo com uma frase dele, que diz: *“Artista eu era. Pioneiro eu fiz-me. Devo a Brasília esse sofrido privilégio. Realmente um privilégio: ser pioneiro. Dureza que gera espírito. Um prêmio moral”*. Digo isso porque Athos Bulcão faz parte desta cidade, faz parte do imaginário desta cidade, esta cidade que foi construída fruto de um projeto nacional, e foi construída trazendo trabalhadores e trabalhadoras de todos os lugares do Brasil para transformar o barro vermelho na Capital dita da Esperança.

Penso que, se Michelangelo, em determinado momento, ao concluir a sua obra, disse *“parla”, “fala”, de tão viva que era, tenho a impressão de que sobre esta construção, que é Brasília, ao ser finalizada, ou ser efetivada, porque está eternamente em construção, alguém deve ter dito “voa, voa”*.

Brasília não é um avião. Brasília mais se assemelha a uma borboleta, porque tem a beleza que têm as borboletas, e porque é fruto da transformação, como são as borboletas. E Brasília voa.

Esta Brasília traz a contribuição de Oscar Niemeyer, a contribuição de Lúcio Costa, a contribuição do arquiteto Lelé, de Burle Marx e de Athos Bulcão, que está em vários lugares desta cidade. Athos Bulcão aqui está neste teto do Senado. E olhem o teto do Senado! É como se ele estivesse em movimento, porque a obra de Athos Bulcão é uma obra que se movimenta e é uma obra que se expõe como ela é. Ela se mostra, ela é autoexplicativa e ela nos organiza um sentimento, que é o sentimento de também nos colocar em movimento. É diálogo de movimentos Athos Bulcão, e por isso está gravado na pele desta cidade.

Lembra-me o poema, acho que de Chico Buarque, que diz: *“Eu quero ficar no teu corpo feito tatuagem, que é pra te dar coragem pra seguir viagem quando a noite vem”*. Falo isso porque a obra de Athos Bulcão está tatuada em Brasília. Ela está tatuada, ela está marcada, marcada com essa estética da vida, que vai se contrapor à estética da barbárie, que, muitas vezes, os corredores, as rupturas democráticas, como as que estamos vivenciando hoje, nos impõem. É para resistir e é para seguir viagem quando a noite vem. Quando a noite vem — ai! —, lembramo-nos desse ser encantado, porque tem razão Guimarães Rosa quando diz que há pessoas que não se vão, elas viram encantadas. Nós temos Athos Bulcão encantado no Distrito Federal e em Brasília. Ele está em vários lugares.

E penso: Ah! As ondas e as curvas de Niemeyer têm o movimento, elas andam, elas se movimentam, elas se colocam como aquilo que vai levando essa estética da vida para todos os cantos da nossa cidade. Esta cidade, como dizia Lúcio Costa, tem que ser funcional, mas tem que ser lúdica. Ela tem que representar a potencialidade deste povo brasileiro — ela tem que representar a diversidade deste povo brasileiro.

Por isso, conversando com o nosso Prof. Coutinho, ele lembrava que foi aqui, em 1974, que veio Lúcio Costa e se emocionou com Brasília, com esta Capital, esta Capital que foi construída por Athos Bulcão, dentre tantos outros que a construíram numa sinfonia de vida.

Nós estamos aqui para dizer que bom que muitas vezes temos a nossa realidade grávida do seu contrário. Muitas vezes nós vamos ter neste Plenário, que nem sempre está abraçado ou olhando no olho da própria população, a





oportunidade de vê-lo como útero grávido do contrário, das desigualdades, das discriminações e da estética da barbárie, pulsando nesta homenagem a Athos Bulcão.

Eu queria concluir apenas dizendo que esta cidade, que convive com a natureza, que convive com os passarinhos e que tem essa obra exposta a céu aberto, esta cidade, que tem o céu de Athos Bulcão, mas que tem também um céu que é sólido, que nos protege, um céu que faz com que miremos o infinito e digamos que as nossas potencialidades são infinitas, como a nossa humanidade e essa capacidade de sermos livres, de encarmos a nossa própria diversidade, de estarmos criando e recriando, significando e ressignificando as nossas vidas e a nossa realidade, esta cidade é Athos Bulcão. Esta cidade é Athos Bulcão, muito mais do que os azulejos. É tudo isso e muito mais do que isso, é essa marca de projeto nacional, é essa marca de ir ao infinito para estabelecer as nossas potencialidades, a beleza, a ludicidade, a arte de Athos Bulcão.

E eu encerro mais uma vez lembrando o poeta: *“Quero ficar no teu corpo feito tatuagem, que é pra te dar coragem pra seguir viagem quando a noite vem”*.

Viva Athos Bulcão! (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (João Alberto Souza. Bloco/MDB-MA) - Concedo a palavra ao Dr. Paulo Brum Ferreira, Presidente da Fundação Athos Bulcão.

**O SR. PAULO BRUM FERREIRA** - Exmo. Sr. Senador João Alberto Souza, representando aqui o Senador Eunício Oliveira, Presidente do Congresso Nacional e do Senado Federal; Exmos. Sras. e Srs. Senadores da República; Exmos. Sras. e Srs. Deputados Federais, aqui representados pela Deputada Erika Kokay, que acaba de falar; Sr. Subsecretário de Patrimônio Cultural do Distrito Federal, Dr. Gustavo Pacheco, representante do Secretário de Cultura do Distrito Federal; ilustríssima Sra. Valéria Cabral, Secretária Executiva da Fundação Athos Bulcão, a quem eu rendo minha sincera homenagem por ser a grande “tocadora” de todo o trabalho de preservação e divulgação da obra de Athos Bulcão, incansável batalhadora; os familiares de Athos, as sobrinhas aqui presentes, Maria Antonieta e Inês Bulcão; o arquiteto Sérgio Parada, aqui presente também representando o IAB; e as demais autoridades e pessoas presentes neste ato solene, é com muita emoção que, em nome da Fundação que leva o seu nome, participo desta homenagem ao grande mestre, artista e ser humano que foi Athos Bulcão, um carioca que adotou Brasília como sua cidade para viver.

Confesso-lhes que, contraditoriamente, é muito difícil falar de Athos Bulcão, esse homem de grande sensibilidade e de uma simplicidade e elegância ímpares, tal como a sua obra, que está espalhada por todos os recantos desta cidade.

Todos os oradores que me antecederam praticamente disseram tudo, com todo o sentimento expressado do que representa Athos para Brasília.

Athos Bulcão nasceu em 2 de julho de 1918, no Rio de Janeiro. Ontem foi comemorado o seu centenário. Ele frequentou, desde pequeno, teatros, o Salão de Artes e a ópera. Conviveu com Noel Rosa e com Francisco Alves, com os quais desfilava nos corsos do carnaval carioca. Aos 18 anos ingressou na Faculdade de Medicina, por imposição do pai, mas abandonou o curso no terceiro ano para se dedicar à arte, que foi a sua vida e foi tão importante, que deixou esta marca para todos nós.



Mais do que escolas ou movimentos, os amigos, grandes nomes do modernismo, como Cândido Portinari, Carlos Scliar, Pancetti, Dacosta, Terrero, Enrico Bianco e Burle Marx, tiveram uma importância muito grande na sua formação. A obra de Athos é vasta. É um artista múltiplo, que se desempenhou com maestria em diversas áreas, tendo criado, ao curso de 70 anos de carreira, pinturas, desenhos, gravuras, máscaras, fotomontagens e um monumental trabalho de integração da arte à arquitetura.

Passou por um período de vivência artística em Paris e, em 1958, mudou-se para Brasília, cidade em que viveu até o ano de sua morte, em 2008, tendo atuado como parceiro de Oscar Niemeyer, de João Filgueiras Lima, o Lelé, e Milton Ramos. A convite de Darcy Ribeiro, como já foi dito, ingressou como professor do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, de 1963 a 1965, ministrando aulas de pintura, quando foi afastado pelo então Governo militar.

Um dos maiores e mais consagrados artistas brasileiros do século XX, Athos Bulcão é o mestre *sui generis* da intervenção artística na arquitetura. Com seu vigor e rigor construiu uma linguagem poética de extrema universalidade, realizando de forma única a união da arte à arquitetura com os painéis em azulejos, relevos em madeira e em mármore. Em Brasília, Athos Bulcão imprimiu a marca da sua elegância, sensibilidade, imaginação e vibração em mais de 260 obras de integração da arte à arquitetura.

A obra de Athos é inseparável da arquitetura do Distrito Federal. Ela está presente, por exemplo, nos painéis de azulejo do Congresso Nacional, no teto do Senado Federal — que todos já mencionaram e que nos cobre aqui neste momento —, no Palácio da Alvorada, no Palácio do Jaburu, no Supremo Tribunal Federal, na Catedral de Brasília, no Memorial JK; nos relevos do Teatro Nacional, no Itamaraty, no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, nos painéis do Hospital Sarah Kubitschek, etc.

A obra de Athos se confunde com a paisagem de Brasília. Athos é a convivência cotidiana da população com sua arte, formando o imaginário poético e a identidade cultural desta cidade.

Se Oscar Niemeyer e Lucio Costa foram os idealizadores dos edifícios e do plano urbanístico da cidade, poder-se-ia dizer que Athos Bulcão é o artista da cidade.

Athos Bulcão faleceu após uma parada cardiorrespiratória em 31 de julho de 2008, aos 90 anos de idade.

Finalizando, eu gostaria de falar rapidamente sobre a Fundação Athos Bulcão. Criada em 1992, ela atua na promoção, na documentação, na preservação, na pesquisa e difusão da obra do artista de quem herda o nome, além de comercializar múltiplos da sua obra, o que serve para a sua própria sustentabilidade.

A Fundathos é uma instituição qualificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público — OSCIP, declarada de utilidade pública distrital e também desenvolve importantes projetos na área de arte, educação, comunicação e mobilização juvenil, em Brasília e em outros lugares.

A instituição já recebeu vários prêmios: Prêmio Itaú-UNICEF Educação e Participação, em 2009; Prêmio Nacional de Direitos Humanos da Presidência da República, em 2000; Prêmio Jabuti, na categoria Arquitetura e Urbanismo, Fotografia, Comunicação e Artes, com o livro Athos Bulcão, em 2010.



Agradeço mais uma vez, em nome da Fundação Athos Bulcão, ao Senador Eunício Oliveira, ao Senador João Alberto Souza, ao Congresso Nacional, ao Senado Federal pela homenagem aos 100 anos de Athos Bulcão, pela sensibilidade e determinação de marcar com esta solenidade a data comemorativa desse artista cuja obra também dá vida à Casa do Povo, que é o Congresso Nacional.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

**O SR. PRESIDENTE** (João Alberto Souza. Bloco/MDB-MA) - Concedo a palavra ao Dr. Gustavo Pacheco, Subsecretário do Patrimônio Cultural do Distrito Federal, ora representando o ex-Senador e atual Governador Rodrigo Rollemberg e o Secretário de Cultura, Guilherme Reis.

**O SR. GUSTAVO PACHECO** - Obrigado, Sr. Presidente. Bom dia a todas e a todos.

Eu queria saudar o Senador João Alberto Souza; o Sr. Paulo Brum, Presidente da Fundação Athos Bulcão; o Sr. Sérgio Parada, representante do Instituto de Arquitetos do Brasil — IAB; a Sra. Luciana, a Sra. Maria Antonieta e a Sra. Maria Inês, familiares de Athos Bulcão; e todos os Parlamentares aqui presentes.

Gostaria de saudar muito especialmente a Sra. Valéria Cabral e o Prof. Coutinho, em nome dos quais saúdo todos os cidadãos de Brasília, do Distrito Federal, que defendem a manutenção do nosso patrimônio, muito especialmente das obras de Athos Bulcão, e o que ele representa para Brasília, para o Brasil e para o mundo.

Falo em nome do Governador Rodrigo Rollemberg e do Secretário de Estado Guilherme Rios, que infelizmente não puderam estar presentes aqui hoje. Em nome deles, gostaria de ressaltar o compromisso absoluto do Governo do Distrito Federal com a promoção, a proteção e a valorização da cultura. Nós estamos fazendo uma série de ações muito intensas neste sentido. Reabrimos o Espaço Cultural Renato Russo, que estava fechado havia muitos anos, e estamos nos empenhando muito fortemente para devolver à cidade muitos espaços culturais que estão fechados há alguns anos, como o Museu de Arte de Brasília — MAB, que está em obras, o Teatro Nacional e vários outros. Aliás, nós já entregamos o Centro de Dança.

Como parte deste compromisso, a obra de Athos Bulcão não poderia faltar. O reflexo mais claro deste compromisso talvez seja o Decreto nº 31.607, de 2009, que impõe ao Distrito Federal o tombamento de todas as obras, painéis e demais obras de Athos Bulcão incluídas em acessos de local público de uso coletivo. Ao todo, são 195 obras, entre painéis, muros, fachadas de vários tipos, de várias naturezas espalhadas pelo Distrito Federal.

Parte das nossas atribuições na Secretaria de Cultura consiste em monitorar o estado desses painéis e obras, sempre em parceria com a Fundação, sempre em parceria muitas vezes com os titulares, com os donos das obras. Esta não é uma tarefa fácil, porque Athos Bulcão está em todos os lugares em Brasília. Mas trata-se de uma tarefa muito prazerosa também, porque são pouquíssimas as cidades no mundo que podem se dar ao luxo de ter a arte integrada de maneira tão harmônica e tão presente na realidade urbana, como acontece aqui em Brasília.

Permito-me fazer um brevíssimo depoimento pessoal. Eu não nasci em Brasília: eu nasci no Rio de Janeiro, como Athos. Sou diplomata de carreira. O primeiro contato que eu tive com Athos, como tantos outros brasileiros, foi no



aeroporto, logo na chegada, mesmo antes de morar em Brasília. Sempre me fascinavam os azulejos presentes no Aeroporto de Brasília.

Chegando a Brasília, novamente meu primeiro contato foi com Athos. Fui estudar no Instituto Rio Branco e novamente deparei com um painel belíssimo dele. Depois disso, fui trabalhar no Itamaraty, onde existem obras de Athos Bulcão por todos os lados. Nos fins de semana, eu ia ao Clube das Nações, onde igualmente há mais um painel de Athos. Fui trabalhar no exterior, na Embaixada do Brasil em Buenos Aires, onde há um dos painéis mais belos de Athos.

É necessário, importante que é, dizer que a presença de Athos Bulcão está espalhada por todo o mundo: na Argélia, na Itália, entre vários outros países.

Voltando a Brasília, tive o privilégio de trabalhar na Secretaria de Cultura, onde, mais uma vez, estou cercado pelas obras de Athos.

Faço estes breves comentários como exemplo da minha trajetória pessoal, porque certamente todos os senhores e senhoras aqui presentes estarão, em algum momento, rodeados pela obra do grandíssimo artista e pela importância e o privilégio que é poder viver em permanente diálogo com uma obra aparentemente muito simples, feita com materiais muito simples e baratos. O próprio Athos Bulcão se orgulhava muito de trabalhar com o azulejo, o concreto, materiais baratos, e um número bastante reduzido de elementos que, no entanto, são capazes de produzir uma expressão artística incomparável, igualável à de qualquer outro grande artista mundial, expressão que traduz, além disso, uma esperança muito grande no País que o Brasil sempre poderá ser.

Esta é uma das coisas que Athos Bulcão sempre deixa não só para os habitantes de Brasília, mas para todos os que estiveram em contato com ele.

Nós somos um país que teve a grandeza de produzir um artista como Athos Bulcão. Esta possibilidade estará sempre disponível para todos os brasileiros e para todos os brasileiros, enquanto a obra de Athos estiver a nosso redor.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (João Alberto Souza. Bloco/MDB-MA) - Concedo a palavra ao Sr. Sérgio Roberto Parada, representante do Presidente Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Distrito Federal.

**O SR. SÉRGIO ROBERTO PARADAS** - Em primeiro lugar, eu queria agradecer o convite ao Presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Distrito Federal, para representar aqui essa leva de colegas arquitetos que estão lutando pelos nossos ideais. Em segundo lugar, na pessoa do Presidente da Mesa, gostaria de homenagear todos os que estão aqui presentes.

Para mim, foi uma honra ter conhecido o Athos. Eu sou uma pessoa que veio do Sul, de Curitiba, onde eu estudava, na teoria, as imagens das obras do Athos, do Oscar e do Lúcio. De repente, quando me mudei para Brasília, tive o prazer de tê-los como amigos.

Gostaria de ressaltar que duas pessoas foram muito importantes na vida e na formação do Athos. Eu posso lhes dizer isso porque fui amigo pessoal dele.

Senti-me orgulhoso ao ver aquela foto, porque ali estão azulejos que ele desenhou para a minha casa.

O Athos era uma pessoa muito irônica e inteligente. O que ele nos falava caía. Quando eu desenvolvi o projeto do aeroporto de Brasília, isso que o Secretário que está representando o Governador — ele ainda deve estar presente — sentiu foi uma



coisa muito interessante. Eu me lembro que um colega arquiteto da INFRAERO, à época, comentou que uns franceses que saíram de um voo e deram de cara com um painel do Athos disseram: “*Mas que belo!*” Eu me refiro àquele painel que está em dois semicírculos.

Então, eu fico muito feliz em ver esta homenagem a esse mestre, fico muito feliz em tê-lo tido como uma pessoa mais próxima.

Acho que tanto o Governo local quanto o Governo Federal deveriam pensar um pouco em ajudar a Fundação a adquirir o terreno pelo qual ela está lutando para construir a sua sede. Eu acho que os Governos deveriam ajudar a Fundação nisso. (*Palmas.*)

Agradeço mais uma vez o convite ao Presidente do IAB-Distrito Federal.

Muito obrigado a todos. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (João Alberto Souza. Bloco/MDB-MA) - Concedo a palavra à Dra. Luciana Saboia, Vice-Diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Distrito Federal.

**A SRA. LUCIANA SABOIA** - Agradeço imensamente o convite para estar hoje aqui. Sinto-me bastante honrada de representar aqui a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

Em nome da Universidade, especialmente, eu quero ressaltar algo que já foi dito em falas anteriores: a importância da construção de um projeto que não era só um projeto de cidade, mas era também um projeto de Nação, um projeto de cultura e de identidade, num momento em que o impossível era possível; num momento em que, apesar de todas as adversidades e de todas as questões, acreditava-se que este Brasil tinha potencial de desenvolvimento não só tecnológico, mas também cultural; num momento em que se afirmava e se construía a autonomia; num momento em que a arte — aí houve o famoso congresso, em 1958, cujo título foi *A cidade Nova: Síntese das Artes* — estava presente como projeto de desenvolvimento nacional.

A construção de Brasília se confunde com a construção da nossa Universidade. O Prof. Matheus Gorovitz costumava dizer que, enquanto as universidades federais eram os times regionais, a Universidade de Brasília era a Seleção Brasileira. Então, havia uma preocupação de chamar para cá os melhores em todas as áreas. E mesmo com todas as questões que vieram com a ditadura, eu sinto que represento não só uma geração que nasceu da Universidade de Brasília — os meus mestres foram alunos daqueles mestres —, mas também uma geração que nasceu em Brasília, que viveu esta cidade. E a minha geração, ao contrário de muitas outras, não teve o estranhamento de uma cidade planejada do zero.

Hoje, Brasília é uma cidade extremamente ordenada, com zoneamento. Ao contrário de outras cidades, aqui sentimos que a paisagem está aos nossos pés. A paisagem e a linha do horizonte se fazem presentes nas linhas da topografia, como o edifício toca o solo, e nós percorremos esses edifícios.

Já foi ressaltado aqui, e eu não vou repetir a importância internacional e nacional dessa construção identitária. Quero ressaltar a relação de Athos Bulcão com a paisagem do cotidiano.

Existe uma foto de jornal que acho bem emblemática do Mercado das Flores, um dos painéis mais belos de Athos Bulcão. É quase como um pequeno presente para o habitante que percorre as suas ruelas, não os grandes espaços



monumentais, mas os pequenos espaços de vivência e de apropriação da cidade, e uma cidade que não é só o Plano Piloto, mas uma cidade que pulsa. Brasília, hoje, tem 3 milhões de habitantes e faz parte de uma RIDE que acabou de ser ampliada. Em sua Região Metropolitana, Brasília tem mais de 9 milhões de habitantes, já é a terceira metrópole brasileira e se afirma cada vez mais como Capital. E é como Capital que eu acho que esta Casa deve lembrar a importância não só da Universidade de Brasília, mas também das universidades como projeto nacional que deve continuar.

Nesses momentos de crise, eu realmente tenho que lembrar a importância do projeto de Nação e de universidade que construiu não só esta cidade, mas também toda uma questão nacional.

Obrigada. *(Palmas.)*

**O SR. PRESIDENTE** (João Alberto Souza. Bloco/MDB-MA) - Concedo a palavra à Sra. Maria Antonieta Bulcão Ferrari, sobrinha do homenageado.

**A SRª MARIA ANTONIETA BULCÃO FERRARI** - Obrigada, Sr. Presidente. Obrigada a todos. Eu venho sempre agradecendo pela acolhida que Brasília deu a Athos. Hoje de manhã eu já falei, e vou repetir, que eu entendo agora porque era tão difícil tirar o Athos daqui de Brasília. Ele pertence a Brasília e, cada vez mais, para nós, ele é Brasília.

Em cada lugar que olhamos nós vemos Athos, nós vemos o carinho com que ele tratou cada obra. Vemos a mansidão dele aqui e temos muito prazer em vir aqui para vê-lo.

É muito gostoso estar aqui hoje, é muita honra para mim, para meus irmãos, para minha família, estar presente nesta solenidade tão bonita que foi preparada para ele.

Eu quero agradecer de coração. Quero dizer a todos os senhores que nós não esqueceremos isto. É uma homenagem linda que nós vamos guardar para sempre.

Eu tenho certeza de que, onde quer que ele esteja, ele está gostando muito disso, e ele vai falar para cada um de vocês: *“Como vai?”*

Obrigada. *(Palmas.)*

**O SR. PRESIDENTE** (João Alberto Souza. Bloco/MDB-MA) - Concedo a palavra à Sra. Maria Inês Di Rienzo Bulcão, sobrinha do homenageado.

**A SRª. MARIA INÊS DI RIENZO BULCÃO** - Eu agradeço também todo este carinho que os senhores estão retribuindo ao Athos. Eu acho que foi um caminho de duas mãos. Ele amou Brasília, e Brasília retribuiu à altura.

Eu gostaria de agradecer o carinho e a atenção que nós temos recebido em nome dele. Obrigada a todos. *(Palmas.)*

**O SR. PRESIDENTE** (João Alberto Souza. Bloco/MDB-MA) - A Presidência agradece às autoridades e a todos que nos honraram com suas presenças nesta homenagem que fizemos pelo centenário de Athos Bulcão.

Está encerrada a presente sessão solene. *(Palmas.)*

*(Levanta-se a sessão às 12 horas e 48 minutos.)*